

COMENTÁRIOS

ALGUNS ANIMAIS CURIOSOS DA AMAZÔNIA

Eng. Moacir Silva

A riqueza, em quantidade e em variedade, da fauna, assim como da flora amazônica é, para assim dizer, indescritível por uma só criatura humana, pois, por muito longa que fôsse, embora, a existência desta, ainda assim não lhe bastaria para um conhecimento integral de tantos seres vivos que pululam na vastíssima planície.

Nessa opulentíssima região encontraram manancial inesgotável, de observações e pesquisas, inúmeros naturalistas estrangeiros e nacionais, do mais alto renome científico e, por isso, sobejamente conhecidos nos meios cultos de todo o mundo civilizado. Lembremos apenas, de passagem, que só um desses sábios, HENRY WALTER BATES, em onze anos que viveu na Amazônia, colecionou 14 712 espécies animais, sendo 8 000 inteiramente novas! Igualmente abundante foi a messe dos demais sábios: AGASSIZ, quanto aos peixes; GOELDI, sobre aves e mosquitos; HUBER, com as plantas espontâneas e cultivadas; BARBOSA RODRIGUES, nas palmeiras; e tantos e tantos mais...

Não impede isso, entretanto, que um leigo em zoologia, alinhe estas simples notas como legendas a algumas fotografias de *animais curiosos*, obtidas quando de uma viagem à Amazônia, no ano de 1938.

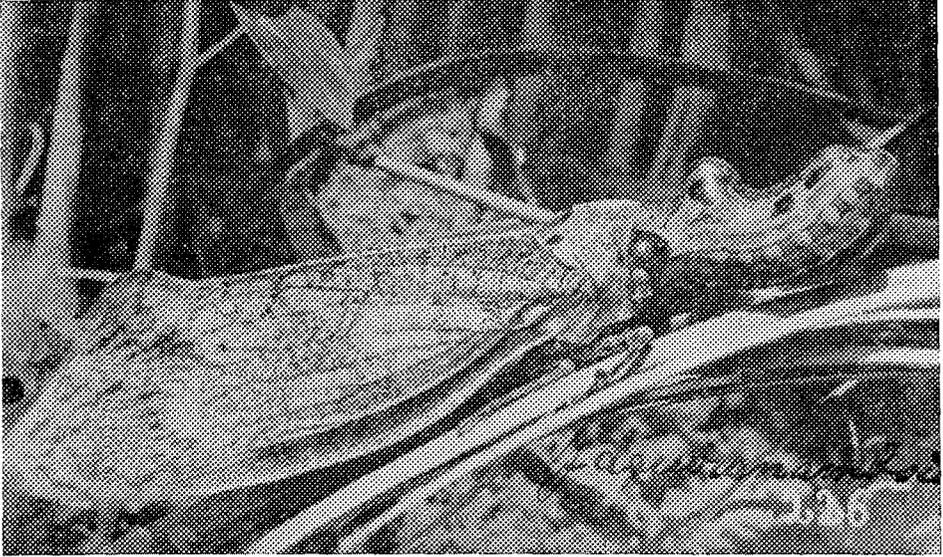


Ninho ou ninhal de garças

Um "ninhal" de garças no tópo da mata. Estas garças são da variedade denominada *garça branca menor* (*Leucophya candidissima*), alvíssimas, sem uma única pena de côr e, por isso mesmo, muito perseguidas por causa das *aigrettes*. Justamente observou RODOLFO VON IHERING (*Dicionário dos animais do Brasil*): "Com menos crueldade poderiam os caçadores de *aigrettes* procurar as penas caídas, que se encontram, até em certa abundância, nos *ninhais*; tais penas nem sempre, porém, conservam a frescura do ornato da ave viva, nem alcançam, no mercado, o valor das penas intactas".

Pousadas nas árvores, as garças brancas contrastam agradavelmente com o fundo verde-escuro da mata e, à distância, "lembram grandes *bouquets* de noiva", segundo o expressivo dizer de RAIMUNDO MORAIS (*Dic. de Cousas da Amazônia*). Informa este escritor que os índios a denominam *guiratinga* e ainda que, "mesmo domesticada é perigosa, fura os olhos das crianças". Corre por sua conta este pormenor que não encontramos em outro autor e nem tivemos ensejo de verificar.

A jaquiranabóia (*Fulgora laternaria*), ou jequitiranabóia. OSVALDO ORICO (*Vocabulário de credêces amazônicas*) registra: "Yakirana-m-boia". Da classe das cigarras e, como toda cigarra, lírica e inofensiva. Seu aspecto complicado,

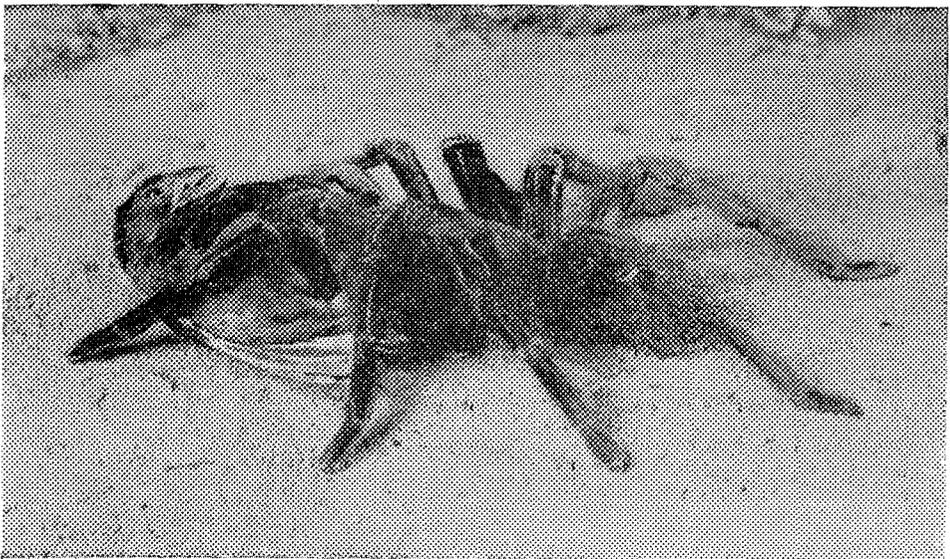


Jaquiranabóia ou jequitranabóia

misto de gafanhoto e libélula, com decorações esquesitas nas asas, emprestou-lhe uma fama perigosa. Seu ferrão infunde pavor e obriga a todos a se defenderem de suas picadas, tidas como venenosas e mortais. Os observadores mais verazes, entretanto, entendem que a jaquiranabóia é um simples *inseto caluniado* e que só circunstâncias acidentais poderiam explicar a reputação maligna que granjeou”.

R. VON IHERING explica: “Quem quer que o veja pela primeira vez, deixa-se impressionar pela esquesita configuração, tão fora dos moldes dos insetos comuns. Ao povo fez tal impressão que, em todo o Brasil, se tornou geral a crença de ser êsse bicho venenosíssimo, que fulmina não só o homem e os animais, como também faz secar árvores, etc. De fato, porém, trata-se de um inseto incapaz de fazer mal a alguém pela razão muito simples de não ter arma alguma com que possa ferir”.

O Dr. J. OH ANSTETT (*História Natural popular*), Rio, 1898, 6.^a ed., vol. II, 41) assim a descreve:

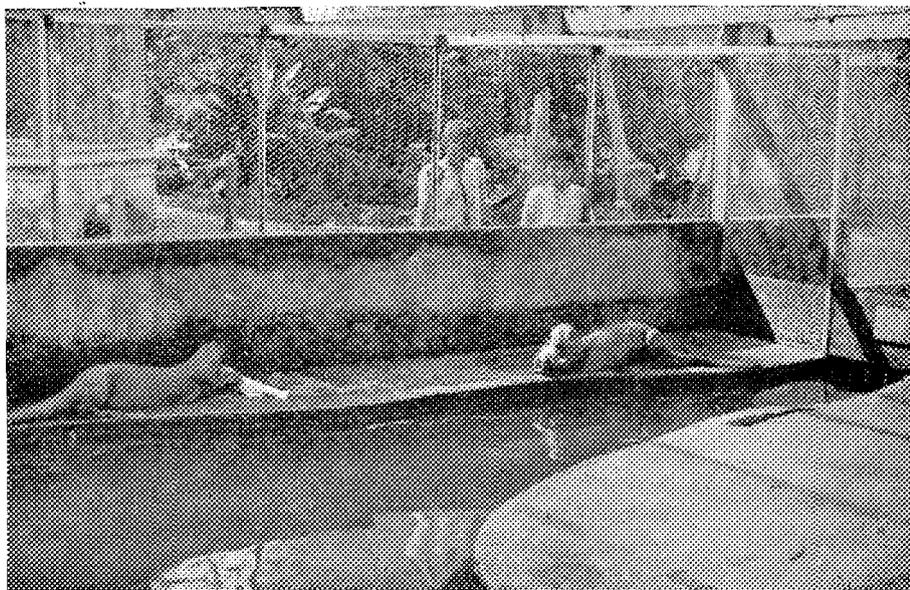


Aranha caranguejeira e sua vítima

“O *porta-lanterna de Surinã* (*Fulgora laternaria*) é uma cigarra muito bonita e grande, que tem 3 (três) polegadas de comprimento, patas para saltar, e asas semelhantes às de um gafanhoto: uma bexiga membranosa mui grande lhe cobre a parte anterior da testa. Dizem os viajantes que este coleóptero luz de noite como uma chama, de maneira que dois destes *porta-lanternas* emitem luz suficiente para se ler uma carta; outros, porém, contestam este fato. É verde côm de azeitona, com marcas brancas, e tem nas asas posteriores manchas pardas da forma de um olho. A pátria deste inseto é o Surinã, mas acha-se também no Brasil. Outra *fulgora* da mesma espécie é originária da China”.

ÁLVARO A. DA SILVEIRA (*Ciência e superstição*) Belo Horizonte, 1917, diz que: “o próprio nome científico da jaquiranabóia não escapou ao contágio da superstição: *Fulgora laternaria* — isto é, inseto que leva em sua fronte uma lanterna cheia de luz — eis o nome dado por LINNEU, à vista da crendice que ensinava ser a enorme cabeça desse hemíptero, à noite, uma verdadeira lanterna resplandescente. Mais razoável é o nome dado pelos selvagens do Brasil: jaquiranabóia, que significa: *cigarra que parece cobra*”.

Quanto a ser a jaquiranabóia uma *cigarra fulgente*, R. VON IHERING admite que “a tal fosforescência será puramente acidental e deverá provir de microorganismos vegetais, que às vêzes se desenvolvem sobre o abdômen”.



Ariranhas

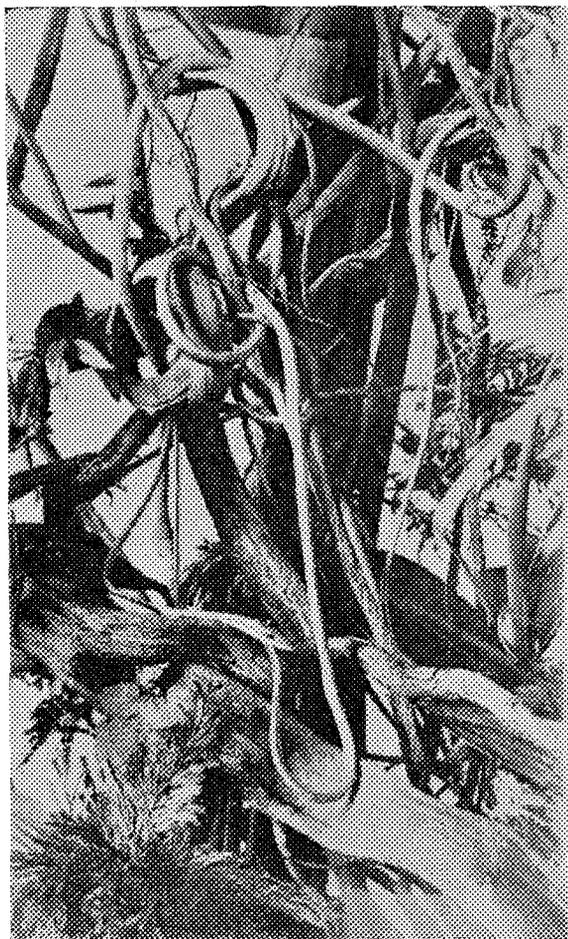
PAUL LE COINTE (*La nature*, 1905) afirmou que os índios do Amazonas quando ouvem, à noite, o zumbir da jaquiranabóia que, em miniatura, é semelhante ao apito prolongado de uma locomotiva, atiram depressa, em um braseiro, punhados de farinha de mandioca ou fôlhas verdes para *afastar o animal que lhes apavora*.

Mas, o mesmo autor, em contraposição a essa crendice, refere ter visto no alto rio Beni, na Bolívia, um índio deixar, indiferente, uma jaquiranabóia passear-lhe pelo corpo.

Aranha caranguejeira (em tupí: *nhanduassú*). As caranguejeiras são grandes e muito venenosas; chegam a medir 25 cm de comprimento entre as patas opostas distendidas. O veneno provoca na vítima um período de agitação e, depois, alucinação e movimentos desordenados como os da embriaguez.

A aranha caranguejeira não tece fios e nem arma teias, como as aranhas comuns. “Sua vida é a dos salteadores destemidos, que lutam corpo a corpo com a vítima, arriscando a vida...”

Ariranha (*Pteronura brasiliensis*). Semelhante à “lontra”, (*Lutra paranaensis*), do sul do país, porém maior, alcançando alguns espécimes 2,40 m, segundo IHERING. RAIMUNDO MORAIS, que a denomina *Lutra brasiliensis*, diz: “Espécie de foca fluvial, vive em bandos nos rios e lagos. Surgem empinadas à flor d’água,



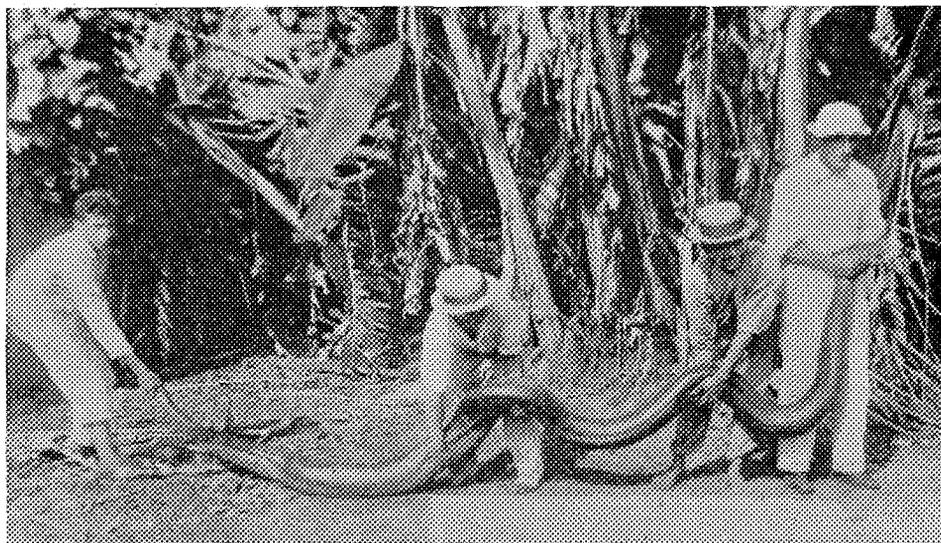
Cobra cipó

Comem peixe e dão gritos que parecem latidos". Sua pele é muito apreciada como tapetes ou agasalhos.

Cobra cipó, confundindo-se com o emaranhado da vegetação. EURICO SANTOS (*Anfíbios e répteis do Brasil*) descreve duas cobras-cipó: a *chironius sexcarinatus*, verde, de um metro e meio de comprimento, que se alimenta de pererecas e pequenas rãs, "inocente, fugidia e medrosa", mas "infernizada e agressiva" quando acuada; e outra, "parente desta, a *chironius carinatus*, de formato semelhante, cor cinzenta com cabeça quase preta, mas de tamanho bem maior.

"É arborícola, mas quase sempre se encontra nas regiões pantanosas. Acha-se espalhada por todo o Brasil. Na Amazônia dão-lhe o nome de sacaibóia, cutimbóia e acutimbóia, o que significa cobra de cotia, ou comedora de cotia.

Diz RAIMUNDO MORAIS que na Amazônia vive junto das habitações, comendo ovos e pintos e que, quanto excitada, vibra a cauda como um chicote açoitando o homem, fato esse já registado por TASTEVIN. Não há quem tenha testemunhado nenhum destes fatos e assim eles aqui ficam no rol das histórias ou, quando muito, na lista das coisas a se verificar. (EURICO SANTOS, op. cit.)



Sucuriçú

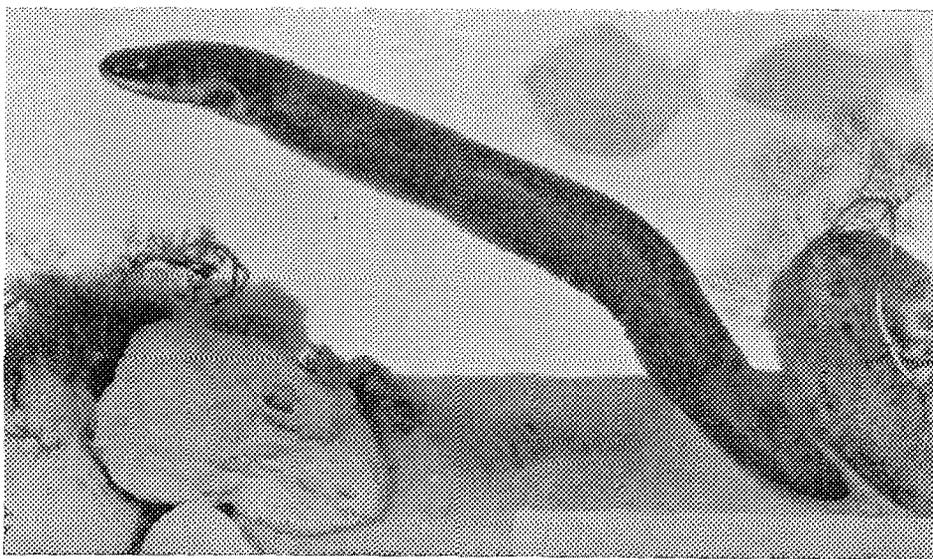
Sucurijú, sucuriú, sucurí juba, ou simplesmente sucuri (*Eunectes marinus*). É também denominada, na Amazônia, boiussú (cobra grande). É a maior das serpentes do mundo, afirma IHERING, que cita uma de 11 metros e 28 cm de comprimento. A sucuri não é venenosa, mas, arrojando os laços com que enleia o corpo da vítima, quebra-lhe os ossos e assim, ao mesmo tempo, mata e prepara o bocado para a deglutição. Come peixes, aves aquáticas, capivaras, antas e outros animais que frequentam "as águas onde ela própria passa a maior parte da vida". Uma das fotografias mostra um camelot da cidade de Belém (Pará), com uma sucuri mansa, enrolando-se-lhe no corpo.

O poraquê ou peixe elétrico (*Electrophorus electricus*) que, segundo MELO LEITÃO (*Zoogeografia do Brasil*) é o mesmo "tremblador" dos venezuelanos.

R. VON IHERING afirma que "o poraquê pode produzir 300 volts"; e, depois de transcrever a celebrizada página de HUMBOLDT sobre a pesca daquele peixe, conclue: "Em sua representação gráfica da lenda do tesouro da Iara, segundo o folclore amazônico, o pintor TEODORO BRAGA figura o poraquê como guarda e defensor deste tesouro. A idéia, baseada

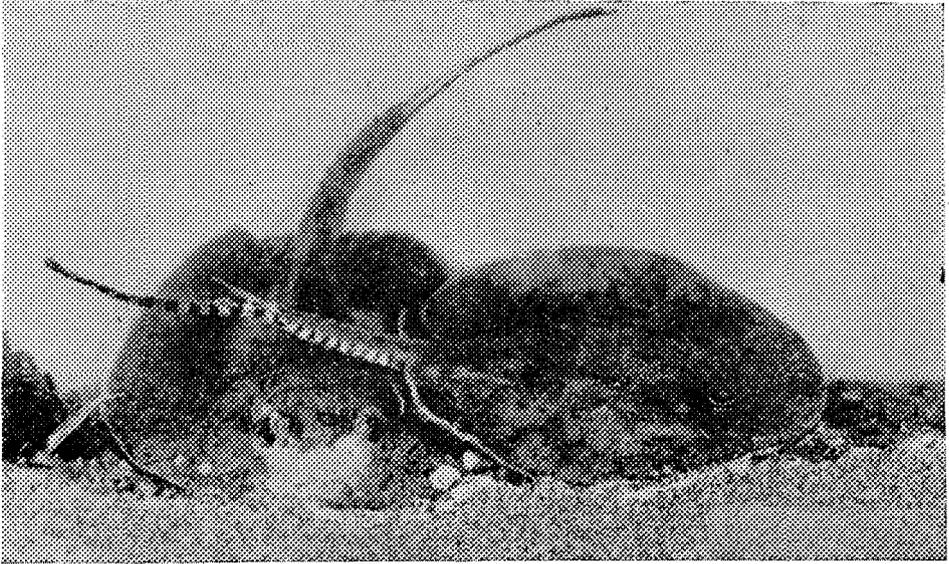


A sucurijú e um camelot



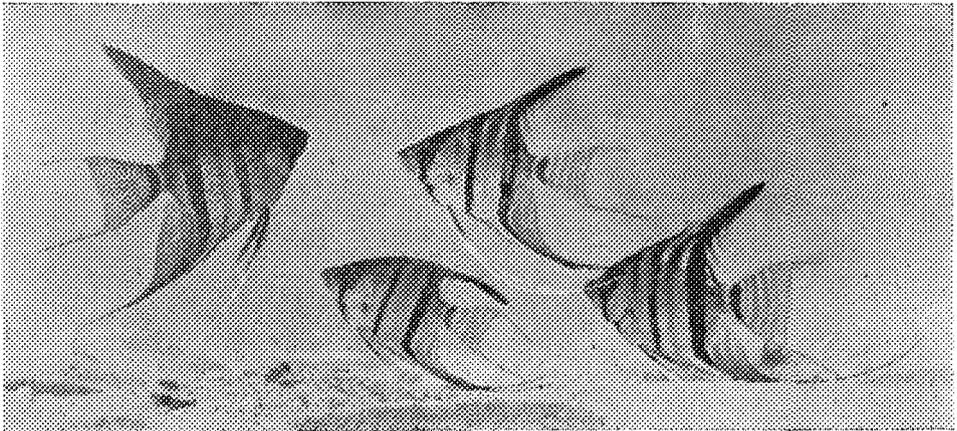
O poraquê ou peixe-elétrico

na lenda tradicional, é verdadeiramente feliz, pois, melhor do que ninguém de toda a fauna do grande rio, esse Cérbero, dotado de forças misteriosas, montará guarda e defenderá as preciosidades ocultas no fundo do rio-mar”.



Arraias ou raias

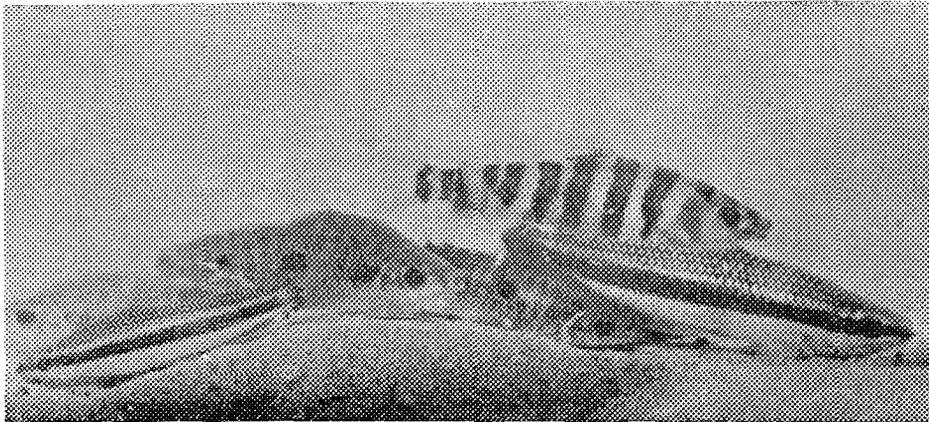
Arraias, ou raias. Originariamente peixes marinhos, “algumas espécies adaptaram-se à água doce dos grandes rios e em nossa fauna foram constatadas cerca de 30 espécies”, segundo IHERING. Ainda este mestre, baseado em informação do major HENRIQUE SILVA, diz que, em Goiás, a raia *Ellipesurus orbignyi*, do rio Araguaia, é conhecida pelo nome de *raia-cocal*.



Acará-bandeira

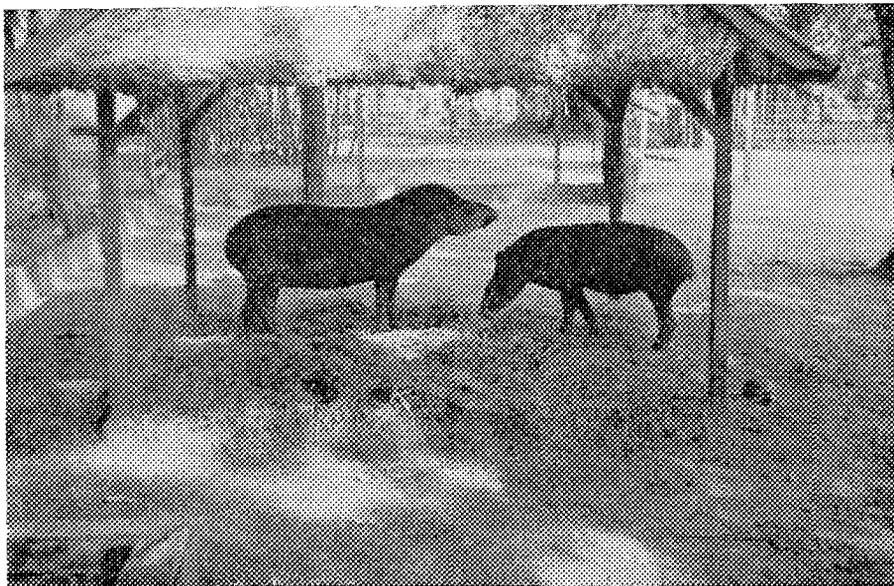
Acará-bandeira. Única espécie do gênero *Pterophylum scalare*. Atinge, no máximo, 15 cm de comprimento. “Nada calmamente, poder-se-ia dizer conciente de sua beleza, sem utilizar outras nadadeiras a não ser as peitorais e como estas são incolores, transparentes, tem-se a impressão de que o peixe se locomove sem o menor esforço” (IHERING).

Aracús — Os aracús são peixes de água doce de cerca de um palmo de comprimento e aproximadamente 300 gramas de peso; da família dos *Characídeos*, principalmente do gênero *Leporinus* e outros, que correspondem às *piavas*, do Sul. Dos lagos da ilha de Marajó proveem grandes carregamentos deste peixe. Alimenta-se das raízes adventícias da *canarãna*, muito abundante naqueles lagos. Sua carne, apesar de não ser das melhores, é grande fator no abastecimento do mercado de Belém (Pará).



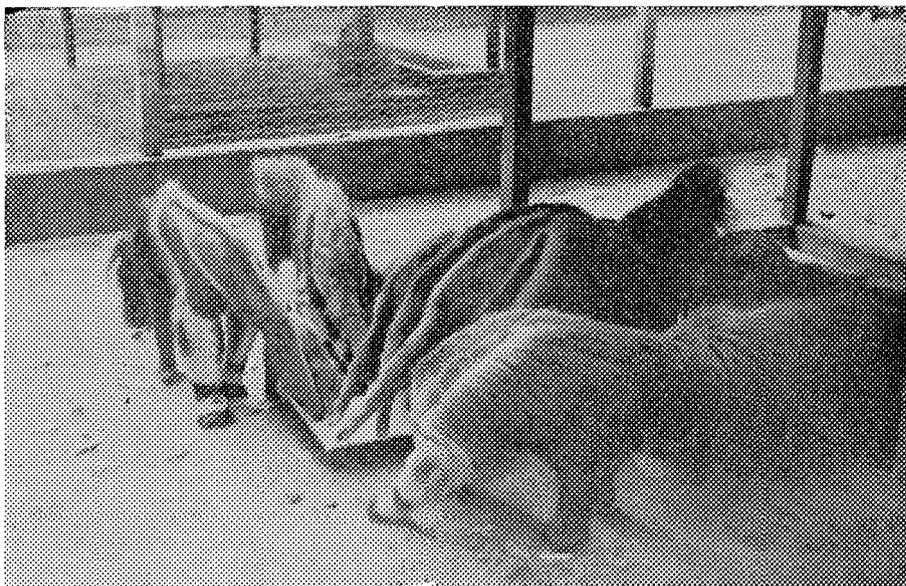
Aracús

Antas (*Tapirus americanus*) — Museu Goeldi — Também chamado Tapir, pode atingir 1,82 m de comprimento e pesar 170 quilos. “Habita as matas cerradas, nas proximidades dos rios, nada e mergulha perfeitamente e é sempre em direção à água que foge, quando acossada. É animal de força extraordinária, podendo, na corrida, atravessar o mato mais trançado” (IHERING). Caça muito apreciada e, por isto mesmo, muito dizimada, alimenta-se de frutas do mato, invadindo também as roças.



Antas

Tamanduás-bandeira (*Myrmecophaga jubata*), também denominado tamanduá-cavalo, tamanduá-assú e *iurumi* (Museu Goeldi). É um genuíno representante da fauna autóctone da América do Sul. De longas garras (4 nas mãos e 5 nos pés), de marcha difícil, alimenta-se de cupins e formigas, para a colheita das quais utiliza sua grande língua.



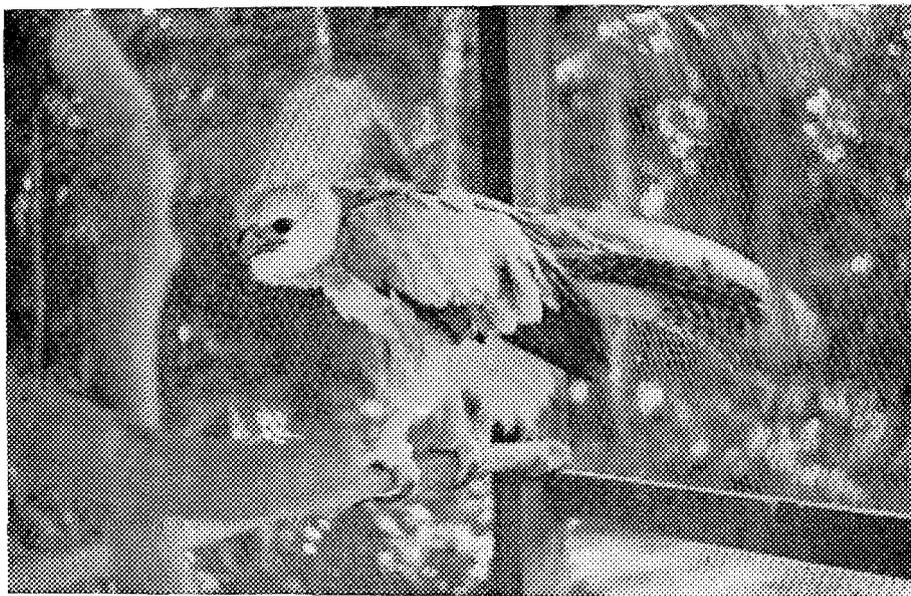
Tamanduás-bandeira



Papagaio branco (albino, raríssimo)

Gavião real (*Harpya destructor*) ou *Uirussú* (*uirá-guassú*, isto é ave máxima). Ave belíssima pela plumagem da cabeça em tons cinza. (Ver *Album de*

aves amazônicas). IHERING, grande admirador desta nossa belíssima *harpia*, diz que “também os índios, empolgados pela beleza e tamanho desta ave de rapina, tributam-lhe admiração e respeito bem merecidos”.



Gavião real

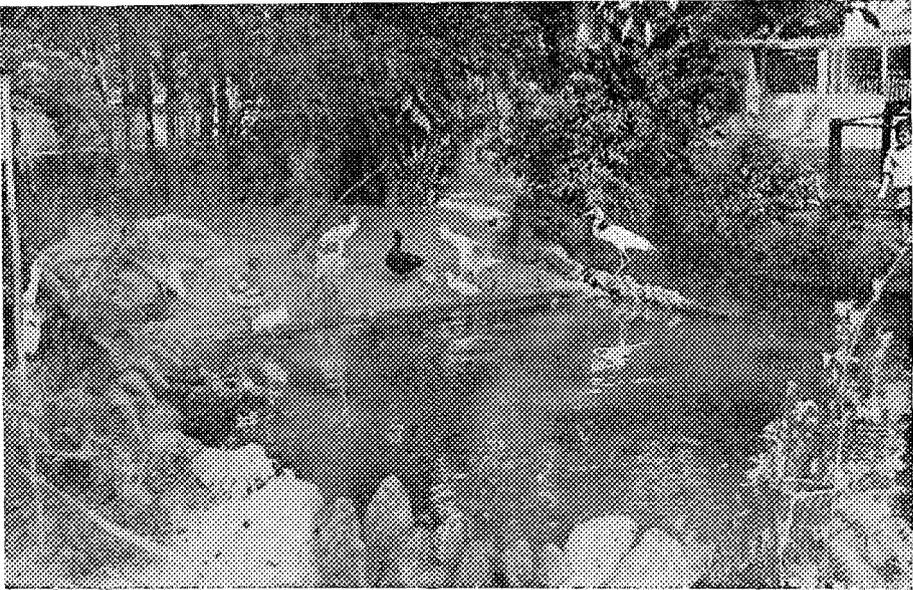
Maguari (*Ardea socoi*) ou baguari ou, ainda, jabirú-moleque. “Aproxima-se mais do tipo da cegonha européia do que o verdadeiro “Jabirú e é um pouco menor e menos corpulento do que este”.

No Museu Goeldi: uma garça, alguns guarás (*Eudocimus rubra* ou *Ibis rubra*) e outras aves. O guará, que em liberdade é vermelho, torna-se mais claro

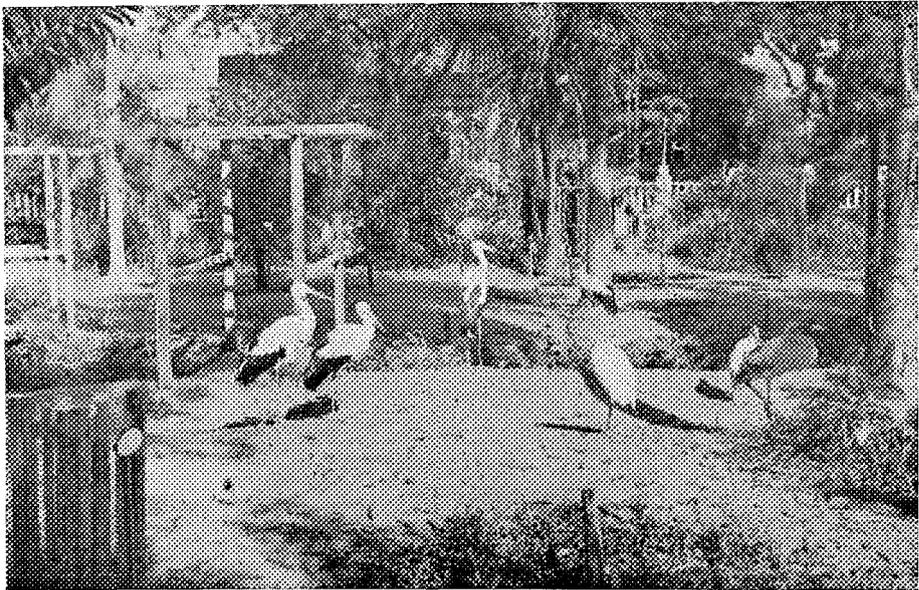


Maguari ou jabirú-moleque

(róseo) quando se vê assim fora do seu meio de origem. O Dr. CARLOS ESTÊVÃO, diretor do Museu, atribue isso à mudança de alimentação. Quando livres alimentam-se muito de certa espécie de carangueijos, que não encontram quando assim presos.

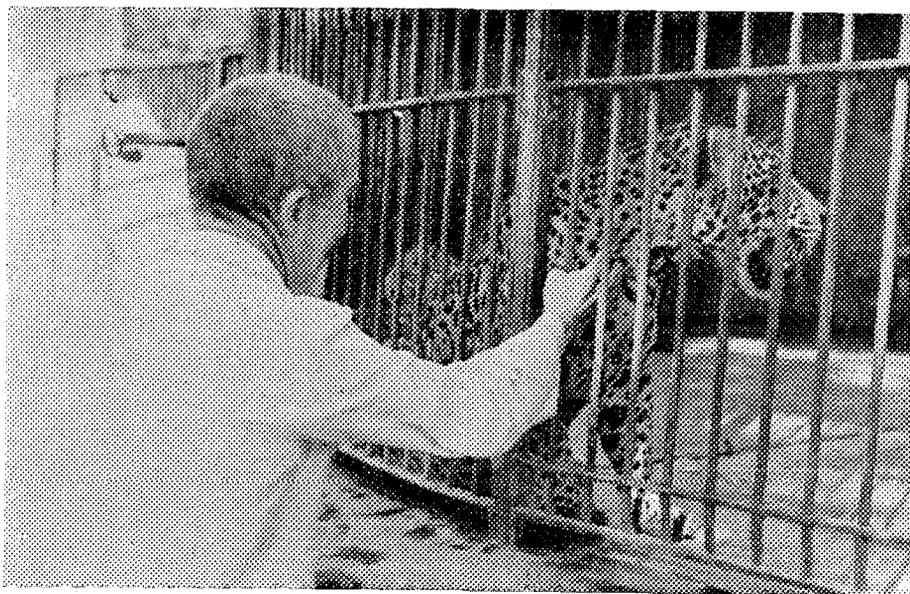


Um lindo recanto do Museu Goeldi

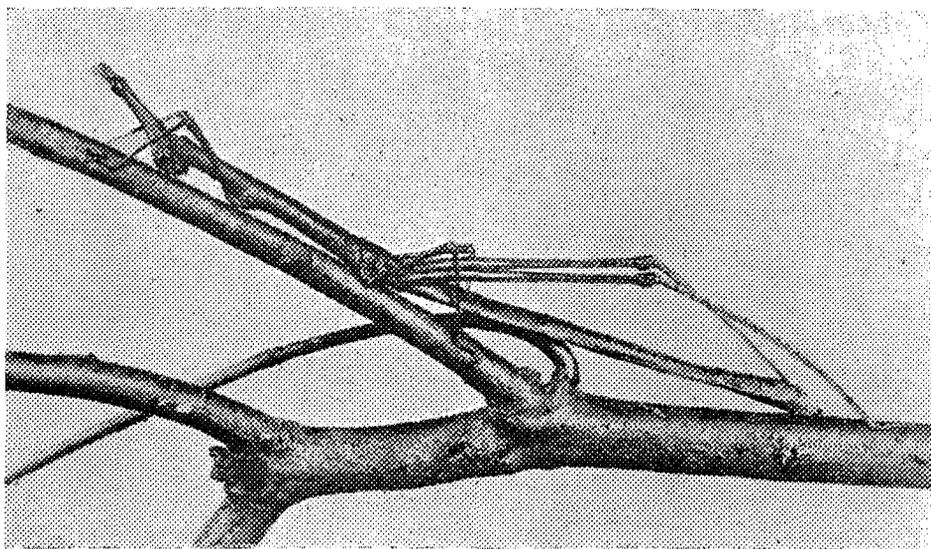


Um grupo de maguaris

No Museu Goeldi um naturalista afaga o jaguar, onça pintada (*Felis onca*) ou *canguçu*, dos indígenas. Alcança até metro e meio de comprimento por 80 ou 85 cm de altura e 60 cm de cauda. IHERING diz que "a onça tem todos os predicados para dominar". Alimentando-se de porcos do mato, capivaras e veados, ataca também, o gado, respeitando somente o touro, a quem, algumas vezes, vence. MELO LERTÃO a cognominou: "rival do tigre na América".



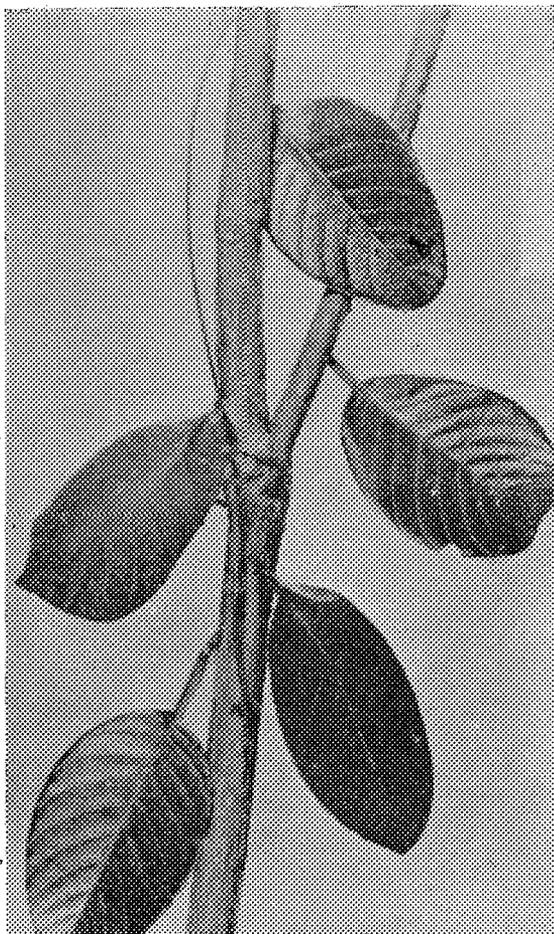
Jaguar ou onça pintada



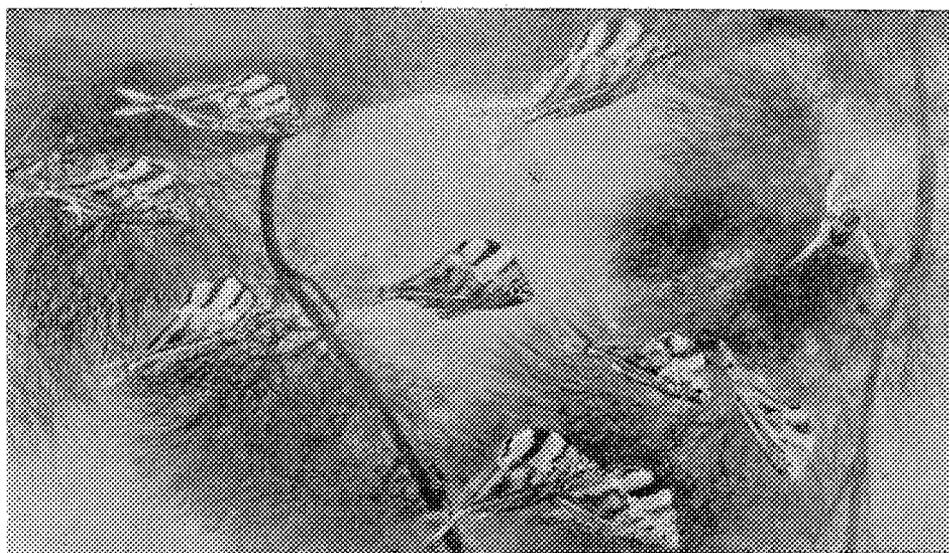
Fasma

Fasma ou bicho — pau. Ortóptero da família dos *Phasmideos*, “cujo corpo se parece com gravetos de taquara; por isto e pela imobilidade em que se mantêm durante longo tempo, são exemplos notáveis do mimetismo” (IHERING).

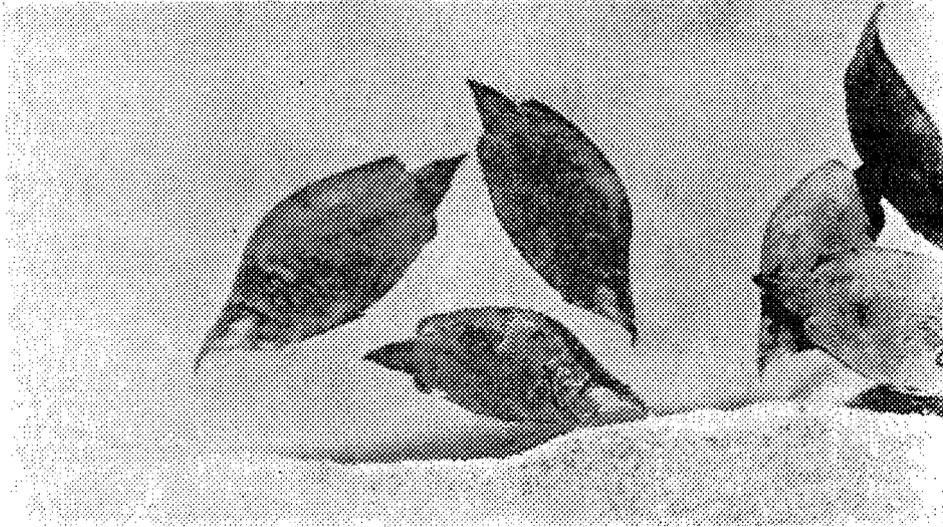
Peixe fôlha, ou na língua indígena Pira-caá”. Da família *Polycentrideos*, com uma só espécie amazônica (*Monocirrhus polyacanthus*). Semelhando-se a uma fôlha de 10 cm de comprimento, imita uma fôlha elítica. Diz IHERING, no seu notável e utilíssimo *Dicionário dos animais do Brasil*, utilíssima edição da Diretoria de Publicidade Agrícola da Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo que, dêste modo, prestou merecida homenagem àquele saudoso e ilustre naturalista: “conciente de que, pelo mimetismo, pode passar despercebido em meio da vegetação, habituou-se a encostar o focinho (como se fôra o pedúnculo) a uma haste ou ramo submersos, de modo que efetivamente imita bastante bem uma fôlha presa à planta”.



Inseto-fólia



Peixe borboleta



Peixe-fôlha

Outras gravuras representam mais dois animais curiosos, dos quais não conseguimos as respectivas classificações zoológicas e por isso aqui vão com os nomes populares locais: inseto-fôlha e peixe-borboleta, cujo mimetismo pode ser avaliado pelo observador.

As fotografias tiradas no Museu Goeldi são devidas à obsequiosidade de um amigo, Dr. JAIME TÁVORA, nosso colega no Ministério da Viação. As demais são de outra procedência.